

Adolfo Caminha e o Naturalismo

Sânzio de Azevedo | UFC

Resumo: Este artigo pretende demonstrar que, embora defendendo fervorosamente o Naturalismo de seus romances *A normalista* e *Bom-crioulo*, ao escrever *Tentação*, seu último trabalho ficcional, Adolfo Caminha de certa forma cedeu à crítica e abandonou a escola de Zola.
Palavras-chave: romance, Naturalismo, crítica.

Era tão grande o entusiasmo de Adolfo Caminha (1867-1897) pela obra de Émile Zola que o capítulo de suas *Cartas literárias* (1895) dedicado ao mestre do Naturalismo francês abre com estas palavras:

Quanto mais o leio maior é a minha admiração, maior o meu entusiasmo por essa obra colossal que vem, desde a *Fortune des Rougon*, estuando como um rio caudaloso e límpido, até ao *Docteur Pascal*, até *Lourdes*...¹

E, referindo-se aos que por acaso quisessem negar o valor do escritor: “eu, por mim, dar-lhe-ia um lugar distinto à mão direita de Shakespeare e Balzac”.²

Cada um dos três romances de Adolfo Caminha, escritor nascido no Ceará e falecido no Rio de Janeiro antes de completar trinta anos de idade, representa

1. CAMINHA, 1895, p. 23.

2. CAMINHA, 1895, p. 24.

uma resposta: *A normalista* (1893), mostrando uma jovem seduzida pelo padrinho, atacava a sociedade hipócrita da Fortaleza dos anos 80 de século XIX, que condenou a união do escritor com uma mulher que, por ele, abandonara o marido; *Bom-crioulo* (1895), falando do relacionamento homossexual entre os marinheiros Amaro e Aleixo, expunha alguns problemas da Marinha Imperial, da qual Caminha foi praticamente obrigado a se demitir, em virtude do citado escândalo; e *Tentação* (1896), relatando a decepção de um casal de provincianos em contacto com as falsidades da vida na Corte, pinta, de maneira ácida, o ambiente vivido pela Capital no declínio do Segundo Reinado. Adolfo Caminha nunca se adaptou ao Rio de Janeiro, vivendo sempre à margem dos grupos de intelectuais e tendo seus livros atacados pela crítica dita oficial.

Abraçando o Naturalismo, encontrou o escritor cearense a estética ideal para seu temperamento combativo. É, aliás, conhecido o episódio no qual, ainda aluno da Escola de Marinha, em 1885, numa homenagem póstuma a Victor Hugo, Caminha fez um discurso republicano na presença do Imperador.

Se observarmos com isenção as críticas que, em 1891, na sua *Revista Moderna*, ele fez em Fortaleza aos *Versos diversos*, de Antônio Sales, e ao romance *A fome*, de Rodolfo Teófilo (críticas que incluiria quatro anos depois no seu único livro no gênero), concluiremos que sua intenção foi a de ser uma voz discordante em meio a um coro de elogios.

Imagine-se então um homem desses lendo censuras a trabalhos seus.

Num artigo que fez estampar na *Gazeta de Notícias* do Rio, em novembro de 1893, assinando-se C. A. e se apresentando como leitor, defendia o “Sr. Caminha” de ataques ao romance *A normalista*, por parte da crítica. Parece-nos que, num meio que lhe parecia hostil, sem ninguém que sáísse em sua defesa, o escritor apelou para esse artifício, supondo que seria suspeito para falar em causa própria.

Posteriormente, perfilharia o artigo, que intitulou “Em defesa própria”, incluindo-o em suas *Cartas literárias*. Como a crítica havia censurado em *A normalista* a presença de “cenas libidinosas”, defendeu-se assim o escritor:

Sou contra a libidinagem literária e não perdoaria nunca o escritor que me viesse, por amor do escândalo, descrever cenas imorais, episódios eróticos a título de naturalismo.³

3. CAMINHA, 1895, p. 81-82.

Quando publicou *Bom-crioulo*, a crítica foi mais violenta (V. M., certamente Valentim Magalhães, em *A notícia*, insinuava ter sido Caminha um embarcadoço como Aleixo), e por isso mais forte foi a defesa que Adolfo Caminha fez de seu trabalho, desta vez na última revista que dirigiu, em artigo intitulado “Um livro condenado”. Após afirmar que “não saiu dos prelos obra naturalista que não fosse tachada de imoral”, e de explicar que seu romance focalizava nada mais que “um caso de inversão sexual estudado em Krafft-Ebing, em Moll, em Tardieu, e nos livros de medicina legal”, desabafa o ficcionista:

A julgar como certos imbecis, – que os personagens de um romance devem refletir o caráter do autor do romance, Flaubert, Zola e Eça de Queiroz praticaram incestos e adultérios monstruosos.⁴

Pela veemência como o romancista se defendia dos ataques recebidos, e pela convicção com que justificava os processos narrativos empregados pelos seguidores do Naturalismo, dir-se-ia que Adolfo Caminha seria sempre um adepto da escola de Zola, e era de se esperar até que, devido a sua índole combativa, carregasse cada vez mais nas tintas com que fosse pintar as mazelas da sociedade de seu tempo.

Entretanto, mesmo com sua independência e sua indignação diante das censuras que recebeu, principalmente de Valentim Magalhães, a quem irá caricaturar um tanto impiedosamente, o escritor não chegou a pôr nas páginas de *Tentação*, seu derradeiro romance, talvez um décimo da crueza com que tingiu algumas cenas d’*A normalista* e do *Bom-crioulo*.

Sabóia Ribeiro já assinalou esse abrandamento do estilo do autor, nesse livro que circulou após seu falecimento:

Cheia de aspectos suaves a narrativa decorre até quase o fim, sem nada daquelas costumeiras complicações psicológicas e dramas da patologia do sexo que são o pábulo do Naturalismo original.⁵

Com efeito, não há nesse romance tipos repugnantes como o João da Mata, d’*A normalista*, ou aberrantes, do ponto de vista da moral então vigente,

4. CAMINHA, 1896, p. 40-41.

5. RIBEIRO, 1967, p. 76.

como o Amaro, o *Bom-crioulo*, o que representa um nítido desvio do modelo seguido por essas obras.

Um casal deixa sua casa em Coqueiros, na Província, a fim de tentar a vida na Corte, ao tempo do Império. Evaristo de Holanda, jovem bacharel em Direito, conta à sua esposa Adelaide haver recebido telegrama de seu conterrâneo e amigo Luís Furtado, garantindo-lhe emprego no Banco Industrial.

Furtado e sua esposa, D. Branca, são bem relacionados com desembargadores, barões e viscondes, sendo portanto monarquistas. Homem de meia-idade, robusto e com “olhos negros e comunicativos”, o amigo de Evaristo é dado a conquistas amorosas, com o que não parece se importar D. Branca, habituada à vida no Rio de Janeiro. Para ela, uma senhora casada devia se esforçar para parecer honesta, apenas. Assim, os dois se entendem. A verdade é que, enquanto Furtado anda à procura de divertimentos com outras, D. Branca é cortejada pelo Visconde de Santa Quitéria, solteirão que faz sucesso com as mulheres.

Hospedados provisoriamente na casa de Furtado e D. Branca, aos poucos Evaristo e Adelaide se vão enojando com a falsidade da vida na Corte, e sobretudo com a bajulação que cerca o Imperador e seu séquito. Furtado cada vez mais se encanta com a beleza simples de Adelaide que, a contragosto, não é inteiramente indiferente aos olhares do conquistador, daí o título do livro.

Há um trecho bem interessante do romance, em que, numa conversa entre Adelaide, Furtado e Evaristo, este diz: “– Mas, então, que querem vocês que eu diga?”. Comenta então o narrador onisciente, penetrando no pensamento e no sentimento da mulher do bacharel:

Aquele – *que querem vocês que eu diga?* – referia-se exclusivamente ao marido de D. Branca e a Adelaide. Esta notou o carinhoso plural e como que sentiu no fundo d’alma um prazerzinho em se achar na companhia de homem tão educado e nobre.⁶

Tal como já fizera n’*A normalista*, o escritor expõe ao ridículo pelo menos um desafeto: entre os personagens secundários há um chamado Valdevino Manhães. Vê-se que a intenção do autor, com esse falso nome, foi claramente fazer com que o leitor reconhecesse no personagem a caricatura do escritor Valentim Magalhães. Além da semelhança dos nomes, a figura presente na narrativa é:

6. CAMINHA, 1979, p. 45.

O Valdevino Manhães, diretor da *Revista Literária* e autor de muitos livros, de muitíssimas obras, entre as quais o poema herói-cômico *Juca Pirão*, paródia ao “I-Juca-Pirama”, de Gonçalves Dias.⁷

Lembre-se que o escritor fluminense era diretor da revista *A Semana* e autor de vasta bibliografia, incluindo romance, crítica e poesia, e na qual figura *A vida de seu Juca*, poema escrito em parceria com o irmão, Antônio Henrique Magalhães, e que é uma paródia d’*A morte de D. João*, de Guerra Junqueiro.

No tocante à presença ou não de traços naturalistas em *Tentação*, basta que se diga que, no capítulo I, o que há de mais forte, e que certamente não apareceria numa narrativa romântica, é este trecho:

Da janela do quarto via-se luz no segundo andar, e não poucas vezes ecoava embaixo, no fundo escuro da área, o som de uma cusparada.⁸

A cena mais violenta, digna mesmo de um romance naturalista, está no capítulo VIII. É quando D. Branca ouve gritos no andar de cima e reconhece a voz de Adelaide:

O fâmulos do secretário não esperou pela patroa: galgou os degraus dois a dois, três a três, numa elasticidade felina de músculos, e, sem guardar conveniências, enveredou pelos aposentos do bacharel. D. Branca foi encontrá-lo sobrepujando Adelaide que se debatia no leito numa agitação de todo o corpo, os olhos desvairados, a face muito pálida, em convulsões histéricas.⁹

Uma cena como essa, que pode causar algum impacto ao ser lida assim isolada, termina por quase se diluir no enredo do romance, onde não há mais nenhuma dessa natureza.

Durante uma das passagens mais bem elaboradas do livro, a descrição de um piquenique no Jardim Botânico, Luís Furtado, conseguindo ficar a sós com Adelaide, beija-lhe ousadamente a mão. Depois, chega a pedir-lhe perdão, mas a esposa de Evaristo passa a sofrer com mais força a tentação de ceder ao conquistador, o que não chega a acontecer.

7. CAMINHA, 1979, p. 18.

8. CAMINHA, 1979, p. 15.

9. CAMINHA, 1979, p. 106.

Sabendo-se, como se sabe, que Furtado é dado a conquistas amorosas, e que sua mulher, D. Branca, é cortejada pelo Visconde de Santa Quitéria, era de se esperar que houvesse no romance cenas de alcova, quase obrigatórias nas obras naturalistas. Entretanto, tal não ocorre.

Baste-nos informar que o momento mais marcante no que toca a episódios amorosos está no já citado capítulo VIII: indo o Visconde à casa de D. Branca, constata ele que Furtado está ausente, o que leva o narrador a afirmar que ele “não podia encontrar melhor ocasião para um *rendez-vous* amoroso”.¹⁰

Esse *rendez-vous*, porém, tem seu clímax apenas subentendido; ao se referirem os dois ao seu último encontro, há este trecho:

Ela achava “um bocadinho” prosaico o escritório da Rua da Alfândega, “um bocadinho exposto”.

Já se tratavam por você.

– Você não imagina – dizia ela – o sacrifício que me custou!... E os homens ainda falam mal das mulheres...

Ele, então, fazia-se meigo, derreava a cabeça, sem prejudicar a linha correta do porte, dando palmadinhas na mão dela, numa intimidade de casal. Tirou da boteeira a rosa que trazia e ofereceu-lha com uma graça muitíssimo gentil.¹¹

Não cremos seja exagerada a afirmação de que essa cena poderia perfeitamente figurar nas páginas de um romance romântico, tão distante está dos trechos apimentados presentes n’*A normalista* e principalmente no *Bom-crioulo*.

Interessante é o contraste entre a opinião de Lúcia Miguel-Pereira, que considera *Tentação* um romance “fraquíssimo [...], mera ilustração do ódio do autor, republicano, pela gente do Império”,¹² e a de Sabóia Ribeiro, para quem o livro é “uma obra-prima, que se alça num plano do mais alto nível”.¹³

Não evidentemente por ser a situação mais cômoda, mas por nos parecer a mais justa, preferimos ficar no meio-termo: se comparado a *Bom-crioulo*, ou mesmo a *A normalista*, o último romance de Caminha não faz grande figura;

10. CAMINHA, 1979, p. 101.

11. CAMINHA, 1979, p. 102.

12. MIGUEL-PEREIRA, 1973, p. 176.

13. RIBEIRO, 1964, p. 13.

visto porém como livro autônomo, é obra que não desmerece o nome do autor, sobretudo por algumas descrições e pela verdade com que são pintados alguns caracteres e alguns fatos.

Concordamos com Lúcia Miguel-Pereira quanto ao caráter antimonarquista do livro. Já Sabóia Ribeiro, baseado não sabemos em que trecho do romance, vai ao ponto de ver simpatia do ficcionista com relação ao Imperador:

Dir-se-ia que o ex-aluno da Escola de Marinha que, anos antes, se portara com irreverência, numa festa, procurava agora se retratar num arrependimento tardio embora justo.¹⁴

Nem é preciso relembra a biografia de Adolfo Caminha para ver que ele se identifica muito mais com Evaristo do que com Furtado e seus amigos. Além disso, é clara a ironia presente nos trechos do livro em que o narrador alude à preocupação dos monarquistas com a doença do Imperador. Leia-se, por exemplo, este diálogo do capítulo III, que nos parece de um ridículo atroz:

– E ninguém sabe, afinal, qual é a doença do Imperador! – disse o velho Lousada.
– Não é coração? – atalhou a dama de honor.
O visconde, muito respeitosamente, pediu licença à nobre senhora para dizer que não, que o Sr. D. Pedro II estava com uma *glicosúria*...
– Glicosúria? Que é glicosúria?
– Diabetes...
– Creia o senhor que ainda não compreendi...
–Diabetes... glicosúria... – fez o visconde atrapalhado, esfregando-se os dedos.
–Enfraquecimento cerebral, minha mulher – explicou Lousada convictamente.¹⁵

Pior ainda nos parece uma passagem do capítulo V, no qual se fala da viagem que o Imperador deverá fazer à Europa, em busca de melhoras para sua saúde debilitada. É um longo trecho, mas apenas a parte que se vai ler dará uma idéia do engano de Sabóia Ribeiro:

14. RIBEIRO, 1964, p. 78.

15. CAMINHA, 1979, p. 40.

E reduzido às míseras proporções de inválido, o segundo Alcântara, bisneto da Sra. D. Maria I, universalmente conhecido pelos seus versos ao *bom povo ituano* e pelo seu amor às letras, que na Europa dava-lhe foros de primeiro poeta do Brasil – o celebrado amigo de V. Hugo e das canjas do Teatro Lírico ia sulcar o Atlântico *para bem do povo e felicidade da nação*, desse povo que tanto o amava e dessa nação que ele governava há meio século...¹⁶

Não conseguimos ver nenhuma retratação, nenhuma demonstração de simpatia ao Imperador. Por sinal, é justamente a crueldade da sátira o lado frágil de *Tentação*, a nosso ver, ainda mais se lembrarmos que ela vinha com atraso de uns pares de anos. Seja como for, o escritor, em seu último romance, estava muito distante do Naturalismo dos outros dois.

Para se ter uma idéia da diferença entre *A normalista* e *Bom-crioulo*, de um lado, e *Tentação*, de outro, temos ainda a própria fabulação: no primeiro romance, João da Mata aproveita-se da condição de padrinho de Maria do Carmo para deflorá-la e põe a culpa da sedução no namorado da moça, que já a havia abandonado; nada sofre, e ela termina se casando com um homem obscuro, como se nada houvesse acontecido. No *Bom-crioulo*, Amaro e Aleixo mantêm um relacionamento homossexual até que o primeiro é hospitalizado depois de receber um castigo após se envolver em uma briga; Aleixo, sem o companheiro, aceita as investidas amorosas de uma portuguesa mais velha que ele; Amaro, sabendo da traição, foge do hospital e termina assassinando o ex-amante.

Já em *Tentação*, Furtado, apesar de amigo de Evaristo, quer conquistar sua mulher, Adelaide. Quase ela cede, tentada pela sua beleza, mas, enojada com as falsidades da vida na Corte e justamente temerosa de não resistir, pede a Evaristo que a leve de volta à Província. Interessante o fato de em momento algum o narrador dizer o nome dessa Província, mas mais de um autor já imaginou ser a terra natal de Caminha, tão atacada em seu primeiro romance...

Frota Pessoa, amigo do escritor, naquela que talvez haja sido a primeira apreciação póstuma de seus romances, classifica *Tentação* como “obra ligeira”, e acrescenta:

Este livro revela uma reação do espírito do autor para o seu primitivo processo, sem preocupação de escola. É ingênuo e cristalino na sua

16. CAMINHA, 1979, p. 70.

concepção e no seu estilo. Como etapa literária, parece-me curioso, porque marca um novo modo de ser na mentalidade do artista, que, por mais que ele julgasse transitório, deveria ser definitivo.¹⁷

O certo é que, apesar da caricatura de Valentim Magalhães e das alfinetadas no Imperador e em seus áulicos, o romance é infinitamente mais leve do que os dois anteriores, não merecendo portanto ser classificado entre as obras do Naturalismo brasileiro, prova de que, mesmo tendo reagido violentamente à crítica feita às suas obras, Adolfo Caminha decidiu abandonar as tintas fortes que o haviam incluído na escola de Zola.

Resumê: Cet article prétend montrer que, en dépit de défendre avec ferveur le naturalisme de ses romans A normalista et Bom-crioulo, Adolfo Caminha, dans ce dernier travail de fiction, Tentação, à cédé quand même à la critique, en abandonnant l'école de Zola.

Mots-clés: roman, Naturalisme, critique.

Referências Bibliográficas

- CAMINHA, Adolfo. *Bom-crioulo*. Rio de Janeiro: Domingos de Magalhães, 1895.
- CAMINHA, Adolfo. *Cartas literárias*. Rio de Janeiro: [Aldinal], 1895.
- CAMINHA, Adolfo. *A normalista: cenas do Ceará*. Rio de Janeiro: Magalhães & C., 1893.
- CAMINHA, Adolfo. *Tentação: no país dos ianques*. Organização e introdução crítica por Sânzio de Azevedo. Rio de Janeiro: José Olympio; Fortaleza: Academia Cearense de Letras, 1979.
- CAMINHA, Adolfo. Um livro condenado. *A Nova Revista*, Rio de Janeiro, n. 2, p. 40-42, fev. 1896.
- MIGUEL-PEREIRA, Lúcia. *Prosa de ficção*. 3. ed. Rio de Janeiro: José Olympio.
- PESSOA, Frota. *Crítica e polêmica*. Rio de Janeiro: Artur Gurgulino, 1902.
- RIBEIRO, Sabóia. *Alguns aspectos de Adolfo Caminha*. Rio de Janeiro: Tupy, 1964.
- RIBEIRO, Sabóia. *O romancista Adolfo Caminha*. Rio de Janeiro: Pongetti, 1967.

17. PESSOA, 1902, p. 232.